



A CONSTRUÇÃO DO OLHAR SOBRE O JORNALISMO

Perceções dos estudantes do ensino superior em Portugal

The Construction of the View on Journalism

ANABELA LOPES ¹, CLÁUDIA SILVESTRE ¹, MARIA JOSÉ MATA ¹

¹ Escola Superior de Comunicação Social – Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal

KEYWORDS

Journalism
Students
Academy
Perceptions
Profession
Communication
Education

ABSTRACT

The perspective of future journalists on the profession is important for a critical assessment of the way the academy, in its communication/journalism courses, prepares them.

The results of a questionnaire survey to undergraduate and master's students of communication/journalism, from 11 Portuguese higher education institutions, point to a mismatch between perceptions about current journalism and future expectations, which led us to reflect on the role of educational institutions, which appear more as promoters of critical view of journalism, than promoters of proactive attitudes in the search for answers to the various challenges identified by students.

PALABRAS CLAVE

Periodismo
Estudiantes
Academia
Percepciones
Profesión
Comunicación
Educación

RESUMEN

La perspectiva de los futuros periodistas sobre la profesión es importante para una evaluación crítica de la forma en que la academia, en sus cursos de comunicación/periodismo, los prepara.

Los resultados de una encuesta a estudiantes de pregrado y maestría en comunicación/periodismo, de 11 instituciones de educación superior portuguesas, apuntan a un desajuste entre las percepciones sobre el periodismo actual y las expectativas futuras, lo que nos llevó a reflexionar sobre el papel de las instituciones educativas, que parecen más como promotores de una visión crítica del periodismo, que promotores de actitudes proactivas en la búsqueda de respuestas a los diversos desafíos identificados por los estudiantes.

Recibido: 03/ 06 / 2022

Aceptado: 10/ 08 / 2022

1. Introdução

Enquadrado no amplo campo da comunicação, o jornalismo não é uma atividade cuja aprendizagem se esgote numa dimensão prática, ou de saber-fazer; é também objeto de reflexão nas instituições de ensino superior, pelo reconhecimento, desde logo, do seu papel fundamental na construção das sociedades democráticas. Será uma forma de conhecimento, como o apelidou Eduardo Meditsch (1997), uma forma de ler e de dar a conhecer o mundo. Nesta linha de pensamento, a academia promove a conceção de que os jornalistas não serão simples comunicadores, pois a sua missão será a de produzir conhecimento. Esse conhecimento não deverá ser confundido com a noção de informação. Segundo Traquina, “poeticamente poder-se-ia dizer que o jornalismo é a vida contada nas notícias(...) em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia” (2002, p. 9), mas, ainda assim, isso não significaria que as notícias pudessem ser consideradas veículos de informação, pois a sua construção vai para além dessa vertente. Isto é; o jornalismo interpreta a realidade e nesse exercício convocam-se olhares e perceções do mundo que se cruzam – dos jornalistas e dos seus públicos –, horizontes que se fundem, usando a expressão de Gadamer (1988), quando se refere à fusão do horizonte do mundo do escritor com o horizonte do mundo do leitor. É dessa interseção que se produz conhecimento. Nessa dinâmica de construção, os factos ancoram a atividade jornalística, salvaguardando-se que contar estórias (Gaye Tuchman, 1976) não significa ficcionar uma realidade que foi capturada pelo jornalismo.

Não se trata de considerar a objetividade como exigível para o seu exercício, uma vez que, epistemologicamente, ela não tem possibilidade de existir (Mesquita, 2003), mas apesar das mudanças que o jornalismo tem sofrido, esse é um conceito estandarte para diferenciar a atividade jornalística de outras da esfera da comunicação. Neste contexto, entre outros, a ética e a deontologia orientam os profissionais e os próprios estudantes de jornalismo, que, desde cedo, são convidados a debater questões com as quais se vão confrontar nas suas práticas futuras. Uma delas diz respeito às configurações que a noção de censura pode assumir, nomeadamente no seio de democracias, que por definição não a podem comportar. A liberdade de expressão e de imprensa não está definitivamente conquistada nas sociedades democráticas e a tensão sobre a determinação dos seus limites é inegável.

A independência e a autonomia dos jornalistas são imprescindíveis à persecução dos objetivos de informar, de escrutinar os poderes públicos e privados, de contribuir para a formação de uma opinião pública esclarecida e de cidadãos interventivos. Sem a garantia desses valores, a credibilidade do jornalismo fica em causa (Traquina, 2002, p. 137).

Sabemos que outros fatores ameaçam a sua credibilidade. A concorrência entre o jornalismo e outras formas de comunicação, muitas vezes travestidas de jornalismo, obriga-o a travar uma luta difícil ao se confrontar com *fake news* e formas elaboradas de desinformação. As mutações tecnológicas – e o seu acesso e alcance nas sociedades tecnologicamente mais desenvolvidas – têm permitido a disseminação destas práticas, tornando a tarefa dos jornalistas especialmente relevante na afirmação do jornalismo como garante de rigor e de verdade, sabendo-se que o nível de literacia mediática dos públicos nem sempre permite que estes distingam o que é informação apresentada por qualquer cidadão nas redes sociais, por exemplo, de jornalismo enquadrado por regras profissionais, nomeadamente éticas e deontológicas.

Estes são alguns dos tópicos que podemos assinalar como presentes na academia, de um modo geral, norteadores de reflexão e debate sobre o jornalismo contemporâneo. Isso mesmo podemos constatar no panorama português. O jornalismo no ensino superior tem caminhado no sentido de fazer cruzar a dimensão reflexiva com a dimensão da *praxis* jornalística nos planos de estudos dos cursos de Ciências da Comunicação/Jornalismo. E essa é uma exigência comum aos dois subsistemas, universitário e politécnico, cuja distinção (mais conceptual do que manifesta) não se reflete significativamente nos planos de estudos e na perceção que os estudantes, nomeadamente, têm sobre eles (Marinho, 2015).

O estudo aqui apresentado resulta de uma pesquisa que desenvolveu e aprofundou uma primeira abordagem circunscrita ao universo da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa (Lopes, *et al.*, 2020), da qual se retiraram pistas de análise relevantes para a prossecução dos nossos objetivos.

2. Objetivos

Reconhecendo-se que os estudantes de jornalismo – quer frequentem cursos específicos da área, quer pertençam a cursos de cariz comunicacional mais amplo, como os de Ciências da Comunicação, nos quais o jornalismo está presente – identificam e discutem as grandes questões elencadas anteriormente, questionámo-nos sobre as suas perceções sobre elas, no que concerne ao diagnóstico sobre a atividade jornalística, às suas expectativas sobre o futuro do jornalismo, e às suas intenções enquanto agentes interventivos no reforço do papel do jornalismo nas sociedades democráticas. Interessou-nos ainda contribuir para a definição de novas estratégias científicas e pedagógicas que respondam às inquietações dos estudantes e lhes permitam cogitar sobre respostas que vão ao encontro do desejo de empoderamento do jornalismo.

Foi nosso objetivo analisar e discutir as perceções dos estudantes de comunicação/jornalismo sobre o campo

jornalístico, no presente, mas também as suas perspetivas sobre um futuro que frequentemente é sinalizado como incerto, precário, mal remunerado e com decréscimo de reconhecimento social. Considerámos que esta abordagem nos permitiria conhecer o olhar dos estudantes sobre essas questões, bem como identificar os futuros contributos da academia na formação da sua visão sobre o jornalismo.

3. Metodologia

Com o referido objetivo de conhecer as perceções dos estudantes sobre o jornalismo, realizámos um inquérito por questionário a alunos de licenciatura e de mestrado na área da comunicação social e, em particular, do jornalismo. Para além das questões demográficas e dos motivos que levaram os alunos a escolher o curso, o questionário focou-se em três grandes dimensões: (i) o diagnóstico da profissão, nomeadamente nos valores e nas práticas associados ao jornalismo e na relevância social da profissão; (ii) as intenções - como os estudantes projetam a sua intervenção no espaço público como futuros jornalistas; (iii) e as expectativas quanto ao futuro. As respostas foram expressas numa escala de Likert de 5 pontos (1 - Discordo totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não concordo nem discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo totalmente).

Uma versão preliminar deste questionário foi testada por uma amostra de estudantes da Escola Superior de Comunicação Social, o que levou a pequenos ajustes, bem como à inclusão de mais algumas perguntas. A versão final esteve disponível através do Google Forms entre maio e junho de 2021.

Para a divulgação do questionário, foi enviado um convite por e-mail aos coordenadores de todos os cursos na área da comunicação social/jornalismo existentes em Portugal, mencionando os objetivos do estudo e pedindo para disponibilizarem o questionário aos seus estudantes. Também se forneceu a garantia de anonimato e confidencialidade das respostas.

A análise das respostas foi feita com o software estatístico da IBM, o SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 26. Começou-se por avaliar a consistência do questionário através do cálculo do coeficiente de fiabilidade Alfa de Cronbach. O valor obtido - 0,793 - revelou que o questionário permite medir de forma fiável as perceções dos estudantes sobre o futuro da profissão de jornalista. Assim, passou-se à caracterização da amostra, bem como à análise das opiniões dos estudantes usando estatística descritiva. Para explorar diferenças de opiniões/ perceções entre os estudantes recorreu-se ao teste não paramétrico de Mann-Whitney.

4. Resultados

Neste estudo participaram 277 estudantes da licenciatura e do mestrado na área da comunicação social/jornalismo, de 11 instituições portuguesas de ensino superior. A amostra é constituída por 78,3% de pessoas do género feminino e 12,7% do género masculino, maioritariamente jovens: 78,6% têm idades compreendidas entre os 18 e os 22 anos. Metade está a frequentar o 1º ano e, como seria de esperar, há mais alunos a frequentar a licenciatura (91,3%) do que o mestrado (8,7%). Quanto à experiência profissional, apenas 5,4% (15) já trabalharam na área do jornalismo, sendo que metade destes não teve mais de 1 ano de experiência de trabalho. Embora a experiência de trabalho seja reduzida, esta é mais vivenciada pelos alunos de mestrado (5 em 24) do que na licenciatura, onde apenas 10 dos 243 estudantes tiveram a oportunidade de exercer a profissão. Na Tabela 1 encontra-se informação mais pormenorizada sobre as características da amostra.

Tabela 1. Caracterização da amostra

Variável	Descrição	N	%
Idade	18 ou 19 anos	94	35,4
	20 ou 21 anos	115	43,2
	22 a 43 anos	57	21,4
	Não respostas	11	
Género	Feminino	217	78,3
	Masculino	60	21,7
Ano curricular a frequentar	1º ano	138	50,0
	2º ano	85	30,8
	3º ano	53	19,2
	Não respostas	1	
Ciclo de estudos	Licenciatura	253	91,3
	Mestrado	24	8,7
Área do curso	Jornalismo	120	43,3
	Comunicação Social	157	56,7
Já trabalhou na área do jornalismo	Sim	15	5,4
	Não	262	94,6

Fonte: Autoria própria.

De uma forma geral, podemos afirmar que os estudantes se sentem motivados para realizar a sua formação. As principais razões que os levaram a escolher o curso foram acreditar que este iria contribuir para o seu enriquecimento pessoal (70,4%) e para promover a sua carreira profissional (61,4%), tratando-se de uma escolha assumida e não de uma segunda opção (81,9%). A vocação, o gosto pela escrita e a possibilidade de intervir na mudança da sociedade, ideias associadas a uma visão ideal da profissão, congregam uma maioria de respostas concordantes (Tabela 2).

Tabela 2: Motivos que levaram os estudantes a escolher o curso.

	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Porque permitirá uma fácil inserção no mercado de trabalho.	17,0%	19,1%	31,4%	26,0%	6,5%
Porque contribuirá para promover a minha carreira profissional.	3,6%	9,7%	25,3%	39,4%	22,0%
Pelo prestígio social.	24,5%	26,4%	29,6%	13,7%	5,8%
Por pressão de amigos ou familiares.	80,9%	13,0%	3,2%	2,5%	0,4%
Motivado por amigos ou familiares.	52,3%	17,7%	14,1%	13,7%	2,2%
Porque quero ser jornalista.	19,1%	12,3%	20,2%	18,4%	30,0%
Por vocação.	7,2%	15,9%	23,8%	34,7%	18,4%
Pela possibilidade de mudar a sociedade.	9,7%	11,9%	27,4%	31,8%	19,1%
Porque gosto e tenho jeito para escrever.	8,7%	8,7%	29,2%	30,3%	23,1%
Para enriquecimento pessoal.	4,7%	7,2%	17,7%	43,0%	27,4%
Porque não consegui entrar no curso que pretendia.	72,2%	9,7%	6,9%	5,8%	5,4%
Pelo plano curricular.	14,4%	13,4%	28,9%	29,6%	13,7%
Pelo corpo docente.	34,3%	24,2%	27,1%	10,1%	4,3%
Pela localização.	28,2%	12,6%	20,2%	24,5%	14,4%
Pelo curso decorrer em horário pós-laboral.	82,7%	7,9%	7,9%	1,1%	0,4%

Fonte: Autoria própria.

4.1. O Diagnóstico

Os estudantes continuam a considerar que o jornalismo é um pilar da democracia (88,8%), mesmo apercebendo-se de que tem vindo a perder credibilidade (70,7%) e de que a necessidade de sustentação financeira torna o jornalismo menos independente (76,1%). No entanto, existem divergências quanto aos jornalistas infringirem a deontologia profissional: 30,6% duvidam e 32,2% acreditam que tal aconteça frequentemente. O mesmo acontece em relação à censura: 29,7% não consegue avaliar se há ou não censura, mas 52,5% concorda ou concorda totalmente que esta ainda faz parte do dia a dia do jornalista (Tabela 3).

Tabela 3: Os valores do jornalismo

	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
O jornalismo tem perdido credibilidade.	2,5%	12,7%	14,1%	56,9%	13,8%
Os jornalistas infringem frequentemente a deontologia profissional.	2,9%	19,2%	36,6%	32,2%	9,1%
O jornalismo é um pilar da democracia.	1,1%	1,8%	8,3%	33,3%	55,4%
Há censura no jornalismo.	1,8%	15,9%	29,7%	38,0%	14,5%
A necessidade de sustentação financeira torna o jornalismo menos independente.	0,4%	5,1%	18,5%	42,0%	34,1%

Fonte: Autoria própria.

Os estudantes consideram que o jornalismo é relevante para o quotidiano dos cidadãos, uma vez que ajuda as pessoas tomarem decisões sobre vários aspetos da sua vida (83,8%). E também contribui para a igualdade

no acesso à informação (87,8%), embora apenas metade considere que a profissão tem o reconhecido estatuto social.

Apesar de reconhecerem a relevância social do jornalismo, 59,4% acreditam que é socialmente menos prestigiante do que outra profissão na área da comunicação. O aspecto mais negativo é ser mal remunerado, identificado por 67,8% (Tabela 4).

Tabela 4: A relevância social

	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
O jornalismo é uma profissão com reconhecido estatuto social.	4,3%	19,9%	25,7%	43,1%	6,9%
Ser jornalista é socialmente mais prestigiante do que ser profissional de outra área da comunicação.	18,1%	41,3%	22,8%	12,7%	5,1%
O jornalismo é uma profissão bem remunerada.	27,9%	39,9%	28,3%	3,6%	0,4%
O jornalismo é importante para as pessoas tomarem decisões sobre vários aspetos da sua vida.	1,1%	2,5%	12,7%	51,1%	32,6%
O jornalismo contribui para aumentar a igualdade no acesso à informação.	0,0%	1,8%	10,5%	44,9%	42,8%

Fonte: Autoria própria.

No diagnóstico feito pelos estudantes quanto às práticas profissionais é de salientar que 92,1% entendem que é fundamental o jornalista deslocar-se ao terreno para fazer uma boa reportagem. Por outro lado, apercebem-se as redes sociais serão frequentemente usadas como fonte de informação (73,9%) (Tabela 5).

Nesta amostra, que tem estudantes das várias áreas da comunicação, é interessante constatar que 56,2% identifiquem que há diferenças entre os conteúdos produzidos pelos jornalistas e os produzidos por outros profissionais da comunicação (Tabela 5).

Tabela 5: As práticas profissionais

	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Os jornalistas produzem conteúdos diferentes dos de outros profissionais da comunicação.	0,7%	17,4%	25,7%	40,6%	15,6%
Os jornalistas utilizam cada vez mais as redes sociais como fonte de informação.	1,4%	8,7%	15,9%	52,9%	21,0%
Há diversidade de temas, abordagens e formatos no tratamento noticioso.	2,2%	15,9%	16,7%	48,6%	16,7%
A deslocação dos jornalistas ao terreno é fundamental para fazer uma boa reportagem.	0,7%	2,2%	5,1%	30,1%	62,0%
Há falta de jornalismo de investigação.	0,4%	6,9%	24,3%	32,6%	35,9%

Fonte: Autoria própria.

4.2. As Intenções

O que pretendem fazer estes futuros profissionais? É interessante notar que mais de metade valoriza a parceria com a academia, mas também que será sua função vigiar os poderes e sempre que necessário serem agentes de pressão. Embora tenham a noção de que não serão os principais influenciadores sociais (43,1%), estão conscientes do seu papel na sociedade (Tabela 6).

Tendo a noção de que o trabalho dos jornalistas é diretamente afetado pelas novas tecnologias, para 75,8% será importante usá-las para se aproximarem mais do público, por exemplo, criando fóruns de discussão (Tabela 6).

Tabela 6: As intenções

	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Os jornalistas serão os principais influenciadores sociais.	10,1%	33,0%	22,8%	29,0%	5,1%
Os jornalistas usarão mais as tecnologias para se aproximarem do público, nomeadamente na criação de fóruns de discussão.	2,9%	8,3%	13,0%	56,2%	19,6%
Os jornalistas deverão vigiar todos os poderes públicos e privados.	0,7%	6,9%	27,5%	39,1%	25,7%
Os jornalistas não serão apenas vigilantes dos poderes, serão agentes de pressão em situações de corrupção, por exemplo.	2,2%	2,9%	23,2%	45,7%	26,1%
Os investigadores académicos ajudarão cada vez mais os jornalistas a compreender o seu papel na sociedade.	1,8%	4,7%	27,9%	47,1%	18,5%
Os jornalistas procurarão na academia parceiros para a criação de projetos jornalísticos.	1,8%	3,6%	27,2%	49,6%	17,8%

Fonte: Autoria própria.

4.3. As Expectativas

Os estudantes são da opinião de que o jornalismo continuará intimamente ligado à democracia (80,8%) e de que a credibilidade manter-se-á como o valor mais importante para o jornalismo (87,0%). Isto significa que existe a firme asseveração de que este valor deve ser recuperado, sob pena de estar em risco a própria sobrevivência do jornalismo. Por seu turno, a objetividade – conceito que tem dado lugar a outros, como rigor, equidade e transparência – não recuperará o seu estatuto de noção basilar do jornalismo. A perda de independência e de autonomia e a menor satisfação e gratificação com o trabalho desenvolvido pelos jornalistas são ideias com as quais alguns alunos se identificam (35,51% no caso da independência e da autonomia e 29,35% quanto à satisfação e à gratificação), mas parece existir a assunção de que se trata de uma perda de difícil recuperação. A estas expectativas estão ligadas as convicções de que os vínculos contratuais serão mais instáveis e de que o jornalismo será mais stressante do que outras profissões (52,90% e 57,61% dos alunos, respetivamente). De sublinhar que existe uma expectativa muito expressiva quanto ao surgimento de novas modalidades de jornalismo (75%), que passam por outras formas de ser e fazer: mais freelancers, projetos independentes, novos formatos (Tabela 7).

Tabela 7: As expectativas

	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
O jornalismo será fundamental para a sobrevivência da democracia.	2,2%	2,2%	14,9%	33,3%	47,5%
A credibilidade continuará a ser o valor mais importante para o jornalismo.	1,1%	3,6%	8,3%	34,8%	52,2%
A objetividade deixará de ser a grande máxima referencial do jornalismo.	9,8%	26,8%	32,6%	22,8%	8,0%
O jornalista no futuro terá mais independência e autonomia.	5,4%	23,2%	35,9%	28,3%	7,2%
O jornalismo será profissionalmente mais satisfatório e gratificante no futuro.	4,0%	21,0%	45,7%	22,8%	6,5%
O jornalismo sofrerá alterações nas práticas e conteúdos: contemplará outras formas de ser e fazer: mais freelancers, projetos independentes, novos formatos.	0,7%	2,5%	21,7%	49,6%	25,4%
Os vínculos contratuais serão mais instáveis.	2,2%	4,7%	40,2%	38,0%	14,9%
Jornalismo será mais stressante do que outras profissões.	2,2%	10,1%	30,1%	38,8%	18,8%
O jornalista lutará com mais restrições à liberdade de expressão e de informação.	2,5%	12,0%	22,5%	42,8%	20,3%
O jornalismo perderá importância face a outras profissões da área da comunicação.	15,6%	22,1%	29,7%	24,6%	8,0%

Fonte: Autoria própria.

4.3.1. Diferenças de opinião nos 1.º e 3.º anos da licenciatura

Considerámos pertinente perceber se existem diferenças significativas entre os estudantes do 1.º ano e os do 3.º ano, relativamente a tópicos sobre o presente e o futuro da profissão. As respostas obtidas dão-nos conta de que os alunos do 1.º ano são mais otimistas ou tendem a concordar mais com as seguintes questões: o jornalismo é uma profissão bem remunerada ($U_{\text{Mann-Whitney}}=1842,500$ e $p=0,000005$); os investigadores académicos ajudarão cada vez mais os jornalistas a compreender o seu papel na sociedade ($U_{\text{Mann-Whitney}}=2537,000$ e $p=0,034$); os jornalistas procurarão na academia parceiros para a criação de projetos jornalísticos ($U_{\text{Mann-Whitney}}=254,000$ e $p=0,033$); o jornalista no futuro terá mais independência e autonomia ($U_{\text{Mann-Whitney}}=2191,000$ e $p=0,001$); o jornalismo será profissionalmente mais satisfatório e gratificante no futuro ($U_{\text{Mann-Whitney}}=2100,000$ e $p=0,000289$) (Figura 1).

Os alunos do 3.º ano da licenciatura expressam a sua concordância com maior veemência sobre os a falta de jornalismo de investigação ($U_{\text{Mann-Whitney}}=3840,000$ e $p=0,012$) e sobre a necessidade dos jornalistas vigiar todos os poderes públicos e privados ($U_{\text{Mann-Whitney}}=3768,000$ e $p=0,023$). Já a sua discordância é sublinhada quanto aos jornalistas virem a ser os principais influenciadores sociais ($U_{\text{Mann-Whitney}}=2435,500$ e $p=0,016$) e a ter mais independência e autonomia ($U_{\text{Mann-Whitney}}=2191,000$ e $p=0,001$) (Figura 1).

Figura 1: Diferenças entre os estudantes do 1º. e 3º. anos da licenciatura. (Com identificação das percentagens superiores a 2%.)

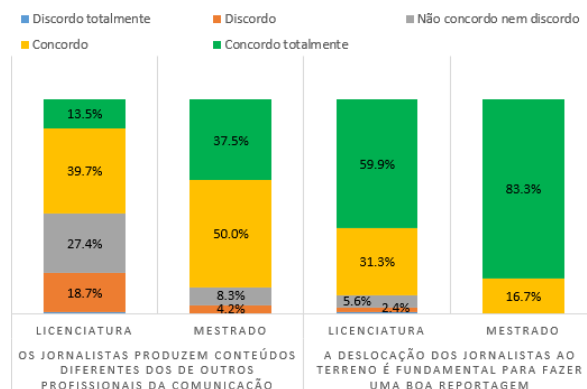


Fonte: Autoria própria.

4.3.2. As diferenças por ciclo de estudos: licenciatura e mestrado

Os estudantes de mestrado têm opiniões mais marcadas quanto a algumas questões, pese embora a concordância dos estudantes de licenciatura sobre elas, que são: os jornalistas produzem conteúdos diferentes dos de outros profissionais da comunicação ($U_{\text{Mann-Whitney}}=4323,500$ e $p=0,000261$); a deslocação dos jornalistas ao terreno é fundamental para fazer uma boa reportagem ($U_{\text{Mann-Whitney}}=3776,000$ e $p=0,019$) (Figura 2). Este poderá ser um sinal de maturidade académica, que revela a importância da continuidade dos estudos na área, considerando que o 1º ciclo é composto apenas por três anos letivos.

Figura 2: Diferenças entre os estudantes da licenciatura e do mestrado. (Com identificação das percentagens superiores a 2%.)



Fonte: Autoria própria.

4.3.3. As diferenças por curso: Jornalismo/C.Comunicação

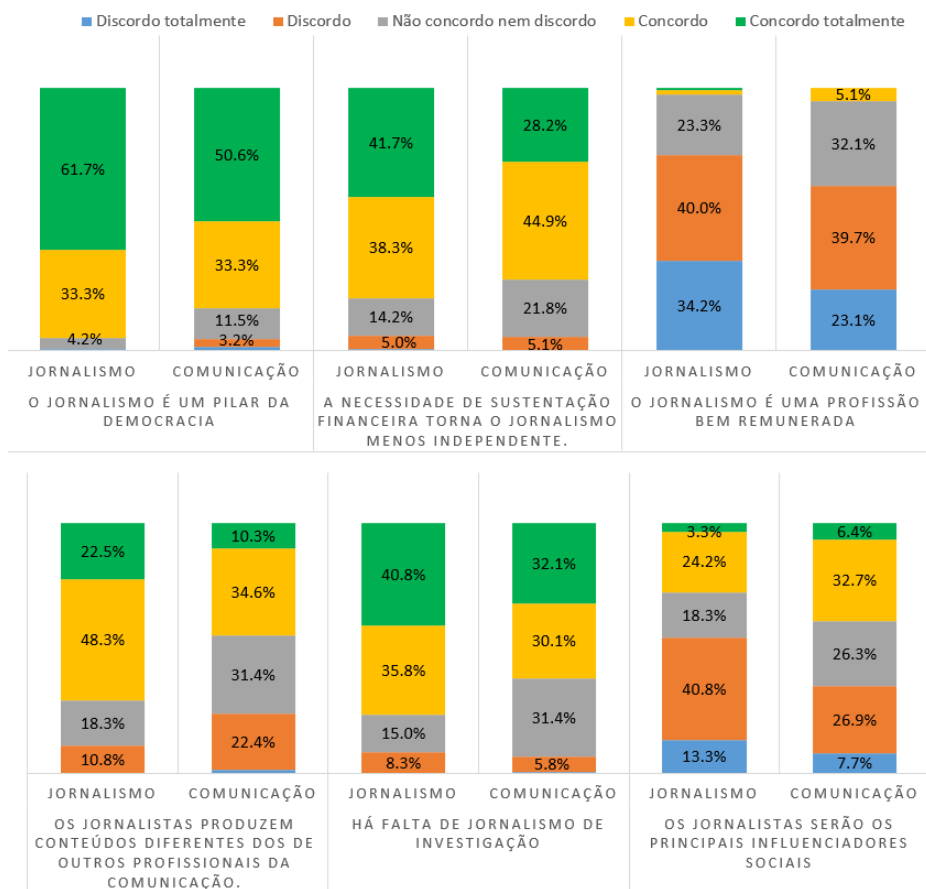
Embora o grau de concordância seja elevado, relativamente à ideia de que o jornalismo é um pilar para a democracia (95,0%), há algumas vozes discordantes ou indecisas (16,0%) entre os alunos dos cursos de Comunicação ($U_{Mann-Whitney} = 7978,000$ e $p = 0,018$) (Figura 3).

Embora haja alguns estudantes de jornalismo céticos (5,8%) quanto à necessidade de sustentação financeira tornar o jornalismo menos independente, a grande maioria concorda que este é um fator que condiciona a independência, nomeadamente 41,7% concorda totalmente enquanto apenas 28,2% dos estudantes da área da comunicação têm a mesma opinião ($U_{Mann-Whitney} = 8029,000$ e $p = 0,031$). Quando se fala de remuneração, os futuros jornalistas são os que menos dúvidas têm quanto à profissão não ser bem remunerada (74,2%) ($U_{Mann-Whitney} = 10862,000$ e $p = 0,016$) (Figura 3).

Quanto aos jornalistas produzirem conteúdos diferentes dos de outros profissionais da comunicação, como seria de esperar há algumas diferenças de opinião ($U_{Mann-Whitney} = 6563,500$ e $p = 0,000008$), 70,8% dos estudantes de jornalismo concordam com esta afirmação. Já os de comunicação têm opiniões diferentes, 34,6% concorda, 31,4% não concorda nem discorda e 22,4% discorda (Figura 3).

A maioria dos estudantes considera que o jornalismo de investigação deveria estar mais presente. Contudo, 31,4% dos estudantes de comunicação não têm opinião ($U_{Mann-Whitney} = 8077,500$ e $p = 0,040$). É curioso notar que os estudantes de jornalismo não se consideram os principais influenciadores sociais (54,1%), ao passo que 39,1% dos de comunicação manifestam opinião oposta ($U_{Mann-Whitney} = 11269,500$ e $p = 0,003$) (Figura 3).

Figura 3: Diferenças entre os estudantes de jornalismo e das outras áreas da Comunicação. (Com identificação das percentagens superiores a 2%.)



Fonte: Autoria própria.

Percebemos, então, no subtexto das respostas dadas, uma visão dominante sobre o território do jornalismo, assente nos seus valores e missão, cujas nuances em função de curso, ano ou grau de ensino exigem um questionamento sobre o modo como as instituições de ensino a constroem.

5. Conclusões

O estudo realizado permitiu traçar algumas linhas importantes sobre a perceção que os estudantes têm do jornalismo - uma atividade em que se observam mudanças rápidas, muitas delas responsáveis por uma nova ecologia mediática, que vieram condicionar algumas das boas práticas da profissão. Através das suas respostas, eles reiteram os valores fundamentais da profissão, reafirmam a importância do jornalismo para a sociedade e para a manutenção da democracia, e reconhecem a necessidade de os jornalistas vigiarem e ajudarem a escrutinar os diferentes poderes. A tecnologia é percecionada como fator que pode potenciar a aproximação dos jornalistas aos seus públicos, nomeadamente na criação de fóruns de discussão e os inquiridos veem a academia como parceira na compreensão do papel do jornalismo e na criação de projetos jornalísticos.

Apesar destes focos de luz, o olhar teima em tatear o escuro. Os resultados apresentados apontam ainda para uma visão pouco otimista do jornalismo, sobretudo espelhada na perceção de que há uma perda crescente de credibilidade, de que a independência do jornalismo é ameaçada pelo modelo de negócio e de que existe censura. Esta visão é acentuada pela aparente falta de confiança dos estudantes na sua capacidade para alterar o cenário no futuro, enformada pela descrença no seu papel de influência social, pelas dúvidas relativamente ao grau de satisfação no exercício de uma profissão que consideram vir a ser mais stressante do que outras, pelos receios relativamente às mudanças no mercado laboral e pela antevisão da luta dos jornalistas contra o aumento das restrições à liberdade de expressão e de informação. Os estudantes que frequentam o último ano dos cursos manifestam perceções mais negativas sobre a profissão do que os seus colegas do primeiro ano, o que nos leva a questionar o papel das instituições de ensino nesse processo. O que acontece no decorrer do processo formativo, que provoca o desenvolvimento dessa visão negativa? Estará a academia a abrir horizontes e a potenciar-se como agente de mudança e inovação e ou a constituir-se como espaço de crítica autofágica, enfatizando as debilidades

de um modelo de jornalismo já desfasado do que os estudantes irão encontrar?

Um dos aspetos que tende a pesar na visão menos positiva dos estudantes sobre o jornalismo é a precariedade laboral. Esta tem sido alimentada pelo crescente emagrecimento das redações a que temos assistido, nomeadamente em Portugal¹ realizado à custa de processos de despedimento que tentam ser debelados com a contratação a baixo custo de jovens recém-formados ou com o prolongamento de períodos de estágio não remunerados. A questão é frequentemente discutida no âmbito dos cursos e existem, em alguns planos de estudo, disciplinas de empreendedorismo onde se procura capacitar os estudantes para uma carreira fora das grandes empresas de média, que garanta independência e autossustentabilidade. O resultado dos inquéritos indica-nos que os estudantes estão familiarizados com a ideia de que o jornalismo contemplará outras formas de ser e fazer, mas embora tenham surgido, nos últimos anos, vários projetos de jornalismo tutelados por jovens recém-formados, alguns com sucesso reconhecido, ainda são poucos os que se arriscam a projetar o futuro na contingência de uma carreira instável.

Esta questão tem ainda outros contornos. Até que ponto são as instituições de ensino superior verdadeiramente capazes de liderar uma mudança de mentalidades que permita aos futuros profissionais lidar com a incerteza sem angústia? Tendo como base um estudo desenvolvido sobre projetos de jornalismo alternativo, Mark Deuze (2019) sublinha que a ideologia jornalística sobrevive perfeitamente fora da lógica da indústria tradicional dos media. Mais diverso e complexo, é a afetividade, mais do que as práticas ou rotinas diárias, que sustentam a identidade do jornalismo (e dos jornalistas), defende. Crítico dos programas de ensino do jornalismo, o autor considera que estes acolhem uma visão dominadora que tende a subsumir os vários “jornalisms” a partir de estruturas teóricas assentes numa perspetiva binária², que não permitem encarar a “desarrumação” inerente ao objeto de estudo.

Nos tempos que correm, o léxico do jornalismo é povoado pela palavra *crise*. Muitas das discussões, na academia e nas salas de aula, giram em torno da crise do jornalismo, a reboque da qual se invocam outras: a crise de valores, a crise financeira, a crise das democracias, etc. Estas replicam, em certa medida, o discurso dos próprios jornalistas e dos académicos que estudam os media. Segundo Barbie Zelizer (2018, p.91), “A invocação de «crise» oferece uma resposta discursiva útil para a angústia gerada pela incerteza”. No entanto, como refere a autora, no campo do jornalismo essa resposta é problemática. A ideia de “crise” reúne, sob a mesma categoria, ambientes jornalísticos bastante diversos, neutralizando assim as suas diferenças. As instituições em geral são especialmente recetivas a esse discurso. “Em parte, o recurso à crise como quadro de entendimento está relacionado com ideias enraizadas sobre a aquisição académica de conhecimento” (Zelizer, 2018, p.104), explica.

A discussão dá-nos pista para continuar a indagar. Começámos este artigo partindo da ideia de que o jornalismo resulta de uma dinâmica de construção de conhecimento entre todos os que envolve. Essa dinâmica compreende as instituições de ensino, a quem cabe marcar tendências e antecipar soluções.

O estabelecimento de relações entre as perceções dos estudantes e a possibilidade de melhoria da oferta formativa das instituições universitárias é uma via profícua na investigação académica na medida em que permite, simultaneamente, a monitorização do ajuste das expectativas à realidade e o envolvimento dos futuros profissionais como parceiros na busca de soluções. A mobilização afetiva dos jornalistas, de que fala Deuze, pode criar-se desde cedo, através desta parceria.

A nível internacional, estudos desenvolvidos junto dos estudantes de jornalismo com o objetivo de determinar as suas perceções sobre a profissão e o ensino (por ex. Mellado *et al.*, 2013; Blaagaard, 2013; Nygren *et al.*, 2010; Milojevic *et al.*, 2016; Rodriguez Pallares *et al.*, 2015; Pignard-Cheynel, & Lazar, 2012), apontam preocupações comuns e dão conta de algum sentido crítico relativamente à forma como o campo é organizado.

Em Portugal, as pesquisas centradas na perceção dos vários intervenientes no processo de formação profissional – estudantes, docentes, jornalistas – tem fornecido dados interessantes sobre o ensino, o mercado, o perfil socioprofissional, os valores ou as motivações (Miranda, & Camponez, 2021; Marinho, 2015; Coelho, 2014; Garcia, 2009; Fidalgo, 2001), mas não se detém sobre as expectativas dos estudantes em relação ao futuro nem exploram o seu contributo para sinalizar e solucionar os eventuais pontos de bloqueio no decorrer do percurso académico. É este aspeto que nos propomos ensaiar numa investigação subsequente.

Esse estudo, cujo desenho se encontra em desenvolvimento, deverá realizar-se em duas etapas. A primeira seguirá um método próximo ao desenvolvido no estudo aqui apresentado, contemplando a entrevista por inquérito aos estudantes finalistas de jornalismo de uma amostra representativa de instituições universitárias e politécnicas portuguesas, com vista a captar as suas perceções sobre as diferentes etapas do percurso formativo (licenciaturas, pós-graduações, mestrados e doutoramentos), tendo em conta aspetos como: a valorização das aprendizagens obtidas; o potencial empreendedor; e o capital transformador das instituições de ensino. Numa segunda etapa, prevê-se a constituição de grupos de foco junto das universidades e escolas politécnicas com

1 O Sindicato dos Jornalistas tem denunciado várias situações de despedimento de jornalistas, sobretudo de títulos de grande circulação e difusão nacional. A denúncia mais recente refere-se ao anúncio de um programa de rescisões amigáveis proposto por um dos maiores grupos de media nacionais – o Global Media Group – que o sindicato considera “uma ameaça velada de despedimento”. (SJ condena “empurrão” para saídas “voluntárias” no Global Media Group, 9 de Julho de 2022, <https://acortar.link/GfKUni>).

2 Deuze refere, a título de exemplo, os binários: jornalismo mainstream/alternativo; hard news/soft news; informação/entretenimento. (Deuze, 2019, p.3)

vista à criação/implementação de projetos exploratórios (de cunho jornalístico ou académico), inovadores e sustentáveis, que funcionem como laboratórios de tendências no exercício ou na investigação do jornalismo.

4. Agradecimentos

A apresentação e publicação dos resultados deste estudo conta com o apoio do Instituto Politécnico de Lisboa ao abrigo do seu programa de internacionalização do corpo docente.

Referências

- Blaagaard, B. B. (2013). Shifting boundaries: Objectivity, citizen journalism and tomorrow's journalists. *Journalism*, 14(8), 1076-1090. <https://doi.org/10.1177/1464884912469081>
- Deuze, M. (2005). What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered. *Journalism*, 6(4), 442-464. <https://doi.org/10.1177/1464884905056815>
- Deuze, M. (2019). What Journalism is (not). *Social Media+Society*, 5(3), 1-4. <https://doi.org/10.1177/2056305119857202>.
- Coelho, P. (2014). A formação académica para o jornalismo do século XXI: sobre questões de prática e técnica. *Jornalismo e mercado - os novos desafios colocados à formação* [Tese de Doutoramento]. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas]. Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/12109>
- Fidalgo, A. (2001). O ensino do jornalismo no e para o século XXI. BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior.
- Gadamer, H. G. (1988). *Verdade y Método*. Sígueme.
- Garcia, J. L. (2009). *Estudos sobre os Jornalistas Portugueses. Metamorfoses e encruzilhadas no limiar do séc. XXI*. Imprensa de Ciências Sociais.
- Lopes, A. S.; Silvestre, C., & Mata, M. J. (2020). "O que é jornalismo?" - Perceções de estudantes de jornalismo no século XXI. *O ensino e o estudo dos media e de jornalismo - tributo a Nelson Traquina*, 20(37), 205-220. https://doi.org/10.14195/2183-5462_37
- Marinho, S. (2015). *Jornalismo e Formação em Mudança: Modelos e Construções na Análise do Caso Português*. Universidade do Minho. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/39990>
- Mellado, C., Hanusch, F., Humanes, M. L., Roses, S., Pereira, F., Yez, L., & Wyss, V. (2013). The pre-socialization of future journalists - An examination of journalism students' professional views in seven countries. *Journalism Studies*, 14(6), 857-874. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2012.746006>
- Meditsch, E. (1997). *O jornalismo é uma forma de conhecimento?* BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior. <https://acortar.link/qLB21P>
- Mesquita, M. (2003). *O Quarto Equívoco - O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. Minerva.
- Milojević, A., Krstić, A., & Ugrinić, A. (2016). The future of journalism as a system, profession and culture: The perception of journalism students. *Medijska istraživanja: znanstveno-stručni časopis za novinarstvo i medije*, 22(2), 83-105. <https://doi.org/10.22572/mi.22.2.5>
- Miranda, J., & Gama, R. (2019). Os jornalistas portugueses sob o efeito das transformações dos media. Traços de uma profissão estratificada. *Análise Social*, (230), 154-177. <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2019230.07>
- Miranda, J., & Camponez, C. (2021). *Estudantes de comunicação social em Portugal - Expectativas e perspetivas sobre jornalismo*. SOPCOM - Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação.
- Nygren, G., Degtereva, E., & Pavlikova, M. (2010). Tomorrow's journalists: Trends in the development of the journalistic profession as seen by Swedish and Russian students. *Nordicom Review*, 31(2), 113-133. <https://doi.org/10.1515/nor-2017-0133>
- Pignard-Cheynel, N., & Lazar, M. (2012). *L'idéologie professionnelle des journalistes à l'encontre des pratiques expressivistes? Les étudiants en journalisme face à l'web participatif*. Multimed. Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Pinto, M., & Sousa, H. (1999). *Journalism education at universities and journalism schools in Portugal*. BOCC Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pinto-manuel-sousa-helena-ensino-jornalismo1.pdf>
- Rodríguez Pallares, M.; Rodríguez Barba, D., & Pérez Serrano, M. J. (2015). Percepciones profesionales y motivaciones para el acceso a la formación periodística. El caso de los estudiantes de Periodismo de la Universidad Complutense de Madrid. Fonseca, *Journal of Communication*, 11(11), 310-331. <https://revistas.usal.es/index.php/2172-9077/article/view/13445>
- Sousa, J. P. (2011). *A discussão sobre a introdução do ensino superior do jornalismo em Portugal: das primeiras menções ao primeiro curso de graduação*. BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior. <https://acortar.link/3HF57U>
- Traquina, N. (2001). *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. Unisinos.
- Traquina, N. (2002). *O que é Jornalismo*. Quimera.
- Tuchman, G. (1976). 'Telling Stories'. *Journal of Communication*, 26(4). Oxford University Press.
- Zelizer, B. (2018). Crise, Incerteza e Jornalismo. *Electra*, 89-106. <https://electramagazine.fundacaoedp.pt/editions/edicao-4/crise-incerteza-e-jornalismo>